Hipersensibilidade Auditiva no Transtorno do Espectro Autista

Guia prático de Intervenções Baseadas em Evidências

AUTORAS

Luana Raposo de Carvalho & Márcio Moreira



Editora Walden4 • Brasília 2026

Hipersensibilidade Auditiva no Transtorno do Espectro Autista

Guia prático de Intervenções Baseadas em Evidências

Autoras
Luana Raposo de Carvalho & Márcio Moreira

Editora
Editora Walden4 — Brasília, 2026

Série
Série Técnica

ISBN
978-85-65721-55-4

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio sem autorização prévia por escrito do editor.


iW4
instituto
WALDEN4
walden4.com.br



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Luana Raposo de
Hipersensibilidade auditiva no Transtorno do Espectro Autista [livro eletrônico] : guia prático de intervenções baseadas em evidências / Luana Raposo de Carvalho, Márcio Moreira. — Brasília, DF : Instituto Walden4, 2026. — (Série técnica)
PDF
Bibliografia.
ISBN 978-85-65721-55-4

1. Audição — Distúrbios 2. Autismo 3. TEA (Transtorno do Espectro Autista) I. Moreira, Márcio. II. Título. III. Série.

Índices para catálogo sistemático:
1. Hipersensibilidade auditiva : Medicina 617.8

Eliete Marques da Silva — Bibliotecária — CRB-8/9380

CDD-617.8

Sumário

CAPÍTULO 1 — 7
Resumo

CAPÍTULO 2 — 9
Introdução

CAPÍTULO 3 — 18
Método

CAPÍTULO 4 — 23
Dessensibilização Sistemática para Hipersensibilidade Auditiva

CAPÍTULO 5 — 31
Treinamento Auditivo de Longa Duração

CAPÍTULO 6 — 38
Protocolo de Escuta para Redução de Hipersensibilidade Auditiva

CAPÍTULO 7 — 44
Terapia Cognitivo-Comportamental Modificada para Hiperacusia

CAPÍTULO 8 — 53
Avaliação e Tratamento Comportamental de Hipersensibilidade a Ruídos

CAPÍTULO 9 — 61
Discussão

CAPÍTULO 10 — 65
Referências

CAPÍTULO

1

Resumo

A hipersensibilidade auditiva é comum em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e pode gerar ansiedade, esquiva e prejuízos na participação social. Apesar da existência de intervenções baseadas em evidências, ainda há escassez de materiais didáticos em português que organizem esses procedimentos de forma acessível. O objetivo deste trabalho foi elaborar um material didático que reúna, de maneira clara, estratégias de intervenção descritas em cinco artigos científicos publicados entre 1996 e 2024 voltados à redução do desconforto auditivo em crianças com TEA. A pesquisa, de caráter qualitativo e descritivo, envolveu leitura, extração literal das informações, tradução e reorganização em formato instrucional. Os conteúdos foram sistematizados em seções práticas, incluindo planejamento clínico, ensino de habilidades de enfrentamento, dessensibilização gradual, monitoramento e generalização. Como resultado, produziu-se um manual acessível, que aproxima a literatura da prática clínica e educacional e favorece intervenções mais seguras, estruturadas e baseadas em evidências, promovendo melhor qualidade de vida para crianças com TEA e hipersensibilidade auditiva.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; hipersensibilidade auditiva; dessensibilização; estratégias de enfrentamento; práticas baseadas em evidências; manual didático.

CAPÍTULO

2

Introdução

De acordo com a American Psychiatric Association (2022), o Transtorno do Espectro Autista é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento. Esses déficits incluem dificuldades na reciprocidade socioemocional, na comunicação não verbal e na compreensão de relacionamentos. Os sintomas se manifestam desde o desenvolvimento inicial, embora possam se tornar mais evidentes à medida que as demandas sociais aumentam.

Além das dificuldades sociais, indivíduos com TEA (Transtorno do Espectro Autista) apresentam comportamentos repetitivos, insistência em rotinas, interesses fixos e respostas atípicas a estímulos sensoriais. Esses padrões variam em intensidade e impacto, podendo comprometer significativamente o funcionamento diário. O diagnóstico exige que os sintomas causem prejuízo clínico e não sejam explicados por outros transtornos, como deficiência isolada.

O DSM-5-TR classifica o TEA em três níveis de suporte necessários: leve (nível 1), moderado (nível 2) e intenso (nível 3), dependendo da gravidade dos sintomas e da necessidade de auxílio nas atividades diárias. Além disso, podem ser especificadas condições associadas, como deficiência intelectual, comprometimento da linguagem e outras comorbidades.

Conforme citado anteriormente, os indivíduos com TEA apresentam respostas atípicas a estímulos sensoriais. De acordo com Baranek (2002), a hipersensibilidade sensorial refere-se a uma reação exagerada a estímulos do ambiente, como sons, texturas, luzes e cheiros, que podem ser percebidos como intensos ou aversivos. No caso da hipersensibilidade auditiva, essas crianças reagem de forma intensa e desproporcional a sons considerados normais para outras pessoas, como o barulho de eletrodomésticos, sirenes, micro-ondas, conversas em tom elevado ou sons imprevisíveis.

De acordo com Khalfa et al. (2004), crianças com hipersensibilidade auditiva frequentemente demonstram comportamentos como tapar os ouvidos, fugir de determinados ambientes ou apresentar crises de ansiedade diante da exposição a sons específicos. Em situações mais extremas, podem ocorrer comportamentos auto agressivos ou colapsos emocionais (Ben-Sasson et al., 2009), dificultando significativamente sua participação em ambientes sociais e escolares.

Essas respostas sensoriais exacerbadas geram impactos consideráveis na qualidade de vida dessas crianças e de suas famílias, interferindo na rotina diária e na inclusão social (Ashburner et al., 2008). Por vezes, tais comportamentos são interpretados equivocadamente como birra, oposição ou desinteresse, quando na verdade expressam um padrão neurológico atípico de processamento auditivo.

Diante dos desafios impostos pela hipersensibilidade sensorial, diversas intervenções têm sido desenvolvidas para auxiliar crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) a processar melhor os estímulos do ambiente e aprimorar sua interação com o mundo ao redor. Uma das abordagens estudadas é a Terapia de Integração Sensorial (SIT), baseada na teoria desenvolvida por A. Jean Ayres (como citado por Schaaf et al., 2018) e conduzida por terapeutas ocupacionais especializados. Essa abordagem busca melhorar a modulação e a organização das informações sensoriais por meio de atividades estruturadas, realizadas em um ambiente terapêutico equipado com balanços, superfícies táteis, trampolins e outros materiais que desafiam e

estimulam o processamento sensorial da criança. O objetivo da SIT é promover uma resposta mais adaptativa aos estímulos, ajudando a criança a desenvolver habilidades motoras, emocionais e cognitivas de forma integrada (Schaaf et al., 2018).

A pesquisa conduzida por Schaaf et al. (2014) teve como objetivo avaliar a eficácia da Terapia de Integração Sensorial (SIT) em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), analisando seus efeitos na regulação sensorial, na atenção e no comportamento adaptativo. O estudo seguiu um delineamento experimental rigoroso, utilizando um ensaio clínico randomizado para garantir maior confiabilidade nos resultados. Os participantes incluíram crianças diagnosticadas com TEA, com idades entre 4 e 8 anos, que apresentavam dificuldades no processamento sensorial e nos comportamentos adaptativos.

Os critérios de inclusão na pesquisa foram baseados na confirmação do diagnóstico de TEA, na identificação de desafios relacionados à modulação sensorial e na disponibilidade de participação em sessões terapêuticas regulares. Os pesquisadores dividiram os participantes em dois grupos: um grupo experimental, que recebeu intervenção baseada na SIT aplicada por terapeutas ocupacionais treinados, e um grupo controle, que recebeu terapia ocupacional de abordagem tradicional, sem o enfoque específico na integração sensorial.

A intervenção seguiu um protocolo estruturado baseado na teoria de Ayres, sendo realizada em um ambiente terapêutico projetado para oferecer uma variedade de estímulos sensoriais controlados. As sessões incluíam atividades que promoviam a organização sensorial por meio de movimentos coordenados, estímulos vestibulares e proprioceptivos, além de estratégias para melhorar a autorregulação e a interação social. O objetivo era ajudar as crianças a processar melhor os estímulos do ambiente e a responder de forma mais adaptativa às demandas do cotidiano.

Para medir os resultados da intervenção, os pesquisadores utilizaram instrumentos padronizados de avaliação, incluindo escalas de regulação sensorial, testes de atenção e questionários preenchidos pelos pais e cuidadores sobre o comportamento adaptativo das crianças. As avaliações foram realizadas antes do início da intervenção, imediatamente após sua conclusão e em um acompanhamento posterior para verificar a manutenção dos ganhos ao longo do tempo.

Os resultados indicaram que as crianças do grupo que recebeu a SIT apresentaram melhorias significativas na modulação sensorial, demonstrando maior tolerância a estímulos do ambiente e menor incidência de reações adversas, como hipersensibilidade e evitação. Além disso, foi observado um aumento na atenção sustentada e na capacidade de se engajar em atividades por períodos mais longos. No que diz respeito ao comportamento adaptativo, os pais relataram que as crianças demonstraram maior independência em tarefas diárias, melhor interação social e redução de comportamentos desregulados, como crises de irritação ou fuga de estímulos sensoriais intensos.

Em contrapartida, o grupo controle, que recebeu a terapia ocupacional tradicional, não apresentou as mesmas melhorias expressivas. Embora algumas crianças tenham mostrado progressos, os avanços foram menos consistentes e menos significativos do que aqueles observados no grupo que recebeu a SIT.

Com base nesses achados, os pesquisadores concluíram que a Terapia de Integração Sensorial pode ser uma abordagem eficaz para crianças com TEA que apresentam dificuldades no processamento sensorial. No entanto, eles destacaram a importância de continuar investigando a eficácia da SIT em diferentes contextos e populações, além da necessidade de estudos adicionais para padronizar protocolos e garantir sua aplicação de maneira mais sistemática e baseada em evidências. Assim, o estudo de Schaaf et al. (2014) reforça a relevância da SIT como uma intervenção promissora, demonstrando que, quando aplicada corretamente, pode trazer benefícios significativos para a regulação sensorial, a atenção e o comportamento adaptativo de crianças no espectro autista.

Além da SIT, outras abordagens também têm sido utilizadas para lidar com a hipersensibilidade sensorial no TEA. Estratégias como as Intervenções Baseadas em Estímulos Sensoriais (SBI), focam na exposição controlada e gradual a determinados estímulos, com o objetivo de promover a habituação e a modulação da resposta sensorial da criança (Miller et al., 2007). Essas estratégias são aplicadas de forma individualizada, levando em consideração o perfil sensorial de cada criança.

Diferentemente da SIT, essas intervenções podem ser aplicadas por diferentes profissionais, cuidadores e até mesmo no ambiente escolar. As SBI incluem o uso de coletes de peso, escovas táteis, fones de ouvido com ruído branco e iluminação controlada para minimizar sobrecargas sensoriais. Além disso, os programas de atividades sensoriais, que fazem parte das SBI, consistem na incorporação de estímulos ao longo do dia para ajudar a criança a manter um estado regulatório adequado, promovendo melhor participação nas atividades diárias (Case-Smith & Arbesman, 2008).

A eficácia das intervenções sensoriais para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido amplamente investigada, buscando compreender o impacto dessas abordagens no desenvolvimento e na modulação sensorial. A revisão sistemática conduzida por Case-Smith, Weaver e Fristad (2015) teve como principal objetivo avaliar a eficácia das intervenções de processamento sensorial aplicadas a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa analisou um total de 19 estudos publicados entre os anos de 2000 e 2012, buscando entender quais abordagens terapêuticas eram utilizadas, como eram aplicadas e quais evidências existiam em relação aos seus benefícios. Os pesquisadores seguiram um critério rigoroso de seleção, priorizando estudos que envolviam crianças diagnosticadas com TEA, que apresentavam dificuldades de modulação sensorial e que haviam passado por alguma forma de intervenção voltada ao processamento sensorial.

Os estudos incluídos na revisão deveriam atender a alguns critérios, como serem pesquisas empíricas (experimentais ou quase-experimentais), avaliarem crianças entre 3 e 12 anos com TEA, medirem o impacto das intervenções sensoriais na regulação comportamental, desempenho ocupacional ou habilidades sociais e apresentarem métodos de avaliação validados para medir os resultados. Após a triagem inicial, os pesquisadores realizaram uma leitura crítica de cada estudo, classificando-os de acordo com o tipo de intervenção utilizada, a metodologia aplicada, os instrumentos de avaliação e os resultados obtidos.

A revisão classificou as intervenções sensoriais em duas categorias principais. A primeira delas foi a Terapia de Integração Sensorial (SIT - Sensory Integration Therapy), baseada na teoria de Jean Ayres, que utiliza um ambiente controlado e estimulação sensorial planejada para melhorar a capacidade da criança de processar e responder a estímulos sensoriais. Os estudos analisados indicaram que a SIT pode melhorar a coordenação motora, a regulação emocional e a participação da criança em atividades sociais. A segunda categoria foi composta pelas Intervenções Baseadas em Sensações (SBI - Sensory-Based Interventions), que incluem o uso de coletes com peso, escovação da pele, compressão articular e estimulação vestibular, visando modular respostas sensoriais e reduzir comportamentos desregulados. A eficácia dessas intervenções apresentou resultados mistos, com algumas pesquisas apontando melhoras comportamentais imediatas, enquanto outras não encontraram diferenças significativas a longo prazo.

A análise dos 19 estudos revelou que as intervenções de processamento sensorial podem beneficiar crianças com TEA, especialmente na regulação emocional e nas habilidades motoras. No entanto, os resultados variaram de acordo com a abordagem utilizada. A SIT demonstrou benefícios mais consistentes, principalmente quando aplicada por terapeutas ocupacionais treinados e seguindo protocolos estruturados. Já as SBI apresentaram efeitos mais variáveis, com alguns estudos mostrando melhoras temporárias no comportamento e outros sem evidências significativas de impacto duradouro. Além disso, a maioria dos estudos apresentou limitações metodológicas, como tamanhos amostrais reduzidos, ausência de grupos controle e dificuldades na padronização das medidas de eficácia.

Os autores concluíram que, apesar das evidências sugerirem possíveis benefícios das intervenções sensoriais, ainda há necessidade de mais pesquisas rigorosas e controladas para comprovar sua eficácia a longo prazo. Eles destacam que as intervenções devem ser individualizadas, levando em consideração o perfil sensorial da criança, e que é essencial que os profissionais utilizem métodos baseados em evidências, garantindo a aplicação correta das terapias. Além disso, enfatizam que os estudos futuros devem incluir amostras maiores, métodos padronizados de avaliação e grupos controle para verificar os efeitos reais dessas intervenções. Dessa forma, a revisão de Case-Smith et al. (2015) reforça que, embora a Terapia de Integração Sensorial (SIT) pareça promissora, as Intervenções Baseadas em Sensações (SBI) ainda carecem de comprovação científica robusta. Isso indica que os profissionais devem considerar essas abordagens com cautela, sempre avaliando a resposta individual de cada criança e combinando diferentes estratégias para promover o melhor desenvolvimento possível.

Além da SIT, outra abordagem comportamental com resultados promissores no manejo da hipersensibilidade auditiva é a dessensibilização sistemática. Essa técnica se baseia na exposição gradual a sons aversivos, com o objetivo de reduzir a resposta emocional negativa associada a esses estímulos.

Foram apresentadas algumas investigações científicas que abordam intervenções voltadas para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e hipersensibilidade sensorial. Foram analisados estudos que discutem a eficácia da Terapia de Integração Sensorial (SIT), além de revisões sistemáticas que avaliam o impacto dessas abordagens no desenvolvimento infantil. No entanto, apesar da relevância e da quantidade de estudos sobre o tema, a pesquisa enfrentou algumas dificuldades que precisam ser consideradas.

Uma das principais barreiras encontradas foi o acesso a artigos científicos completos. Muitos dos estudos mais relevantes estão disponíveis apenas em bases de dados restritas, exigindo assinaturas para serem acessados. Essa limitação dificultou a obtenção de materiais essenciais para a fundamentação teórica, tornando necessário recorrer a resumos, revisões e citações indiretas de outras publicações.

Outro desafio significativo foi a predominância de artigos em inglês. Grande parte das pesquisas sobre intervenções sensoriais no autismo são publicadas em periódicos internacionais, o que exige domínio do idioma para compreender plenamente os métodos e resultados apresentados. Além disso, algumas terminologias específicas das terapias sensoriais podem ser complexas e exigir um aprofundamento maior para garantir a tradução e interpretação corretas dos conceitos.

Por fim, a falta de um consenso sobre as melhores práticas dentro do campo das intervenções sensoriais também se mostrou um obstáculo. Embora existam estudos que demonstram benefícios, ainda há divergências entre pesquisadores quanto à eficácia e à aplicabilidade de algumas abordagens, tornando essencial uma análise crítica dos dados disponíveis.

Apesar desses desafios, foi possível reunir evidências significativas sobre as principais intervenções voltadas para crianças com TEA e hipersensibilidade auditiva, contribuindo para uma compreensão mais ampla do tema e para a reflexão sobre a importância de estratégias baseadas em evidências na prática clínica e educacional.

Nesse sentido, mesmo diante dos obstáculos enfrentados, é importante destacar que existem obras nacionais que abordam temáticas similares à deste estudo. Tais materiais serviram de apoio conceitual e metodológico para a construção deste projeto, contribuindo para sua fundamentação e aplicabilidade prática.

O livro "TEA & ABA: estratégias para reduzir seletividade alimentar", de Larissa Dafne Vieira da Silva e Márcio Borges Moreira (2021), investiga a relação entre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a seletividade alimentar, abordando estratégias comportamentais baseadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para melhorar a aceitação alimentar de crianças autistas. A seletividade alimentar é um dos desafios mais frequentes enfrentados por indivíduos com TEA e pode impactar negativamente a nutrição, a saúde e a rotina familiar. O livro se propõe a apresentar metodologias embasadas cientificamente, oferecendo diretrizes claras para profissionais e cuidadores.

Para embasar suas propostas, Silva e Moreira (2021) selecionaram artigos, analisando pesquisas sobre intervenções comportamentais voltadas para a seletividade alimentar. O critério de inclusão dos estudos focou em pesquisas que utilizaram princípios da ABA, como reforçamento positivo, dessensibilização sistemática e modelagem de comportamento. A seleção dos artigos seguiu rigorosos critérios metodológicos para garantir a validade das evidências apresentadas. A análise dos estudos revelou que muitas das dificuldades alimentares em crianças autistas estão associadas a aspectos sensoriais e comportamentais, exigindo intervenções que respeitem as particularidades de cada indivíduo.

Silva e Moreira (2021) destacam que as estratégias mais eficazes incluem a introdução gradual de novos alimentos, o uso de reforçadores para incentivar a experimentação de diferentes sabores e texturas e a exposição repetida de maneira sistemática. Além disso, técnicas como o fading (redução gradual de estímulos aversivos) e o shaping (reforço de aproximações sucessivas do comportamento desejado) foram amplamente utilizadas nos estudos revisados. Um aspecto central das intervenções descritas é a necessidade de envolver os pais e cuidadores no processo terapêutico, garantindo que as estratégias sejam aplicadas de forma consistente tanto em contextos clínicos quanto em casa.

Os resultados apontam que as intervenções comportamentais são altamente eficazes na ampliação do repertório alimentar de crianças com TEA, reduzindo a aversão a novos alimentos e promovendo maior flexibilidade alimentar. Em muitos casos, observou-se uma melhora na aceitação de diferentes grupos alimentares e uma diminuição das reações adversas a determinadas texturas e sabores. Os achados também reforçam que a seletividade alimentar deve ser tratada de forma individualizada, considerando os aspectos sensoriais e emocionais da criança, bem como o ambiente em que a alimentação ocorre.

Na conclusão, Silva e Moreira (2021) ressaltam que a ABA oferece um conjunto de ferramentas valiosas para lidar com a seletividade alimentar e que sua aplicação deve ser feita de maneira planejada e adaptada a cada caso. A obra se destaca como um guia acessível para profissionais da área da saúde, educadores e familiares, fornecendo um suporte teórico e prático para a implementação de estratégias eficazes. Dessa forma, o livro contribui significativamente para o desenvolvimento de intervenções embasadas cientificamente, promovendo melhor qualidade de vida para crianças autistas e suas famílias.

O livro "Autismo: estratégias científicas para lidar com comportamentos desafiadores", de Aline Ellen Alves Queiros Cruz e Márcio Borges Moreira (2021), apresenta uma abordagem baseada em evidências científicas para auxiliar profissionais, pais e cuidadores no manejo de comportamentos desafiadores em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A obra enfatiza o uso da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), considerada uma das intervenções mais eficazes para indivíduos com TEA, ao oferecer estratégias estruturadas e embasadas na ciência do comportamento para reduzir dificuldades comportamentais e melhorar a adaptação da criança ao ambiente.

Cruz e Moreira (2021) iniciam contextualizando o conceito de comportamentos desafiadores, explicando que eles podem se manifestar de diversas formas, como agressividade, birras, automutilação e recusa em realizar atividades. Tais comportamentos são frequentemente associados a déficits na comunicação, dificuldades sensoriais e problemas na regulação emocional, fatores comuns em crianças autistas. Nesse sentido, o livro reforça que esses comportamentos não devem ser tratados apenas como sintomas isolados, mas sim como respostas a estímulos do ambiente que podem ser modificadas através de técnicas comportamentais.

Dentre as principais estratégias apresentadas na obra, destaca-se o reforçamento diferencial, que consiste em reforçar comportamentos desejáveis enquanto se reduz a atenção ou a consequência para comportamentos inadequados. O reforçamento não contingente também é abordado como uma técnica eficaz, pois fornece reforçadores positivos de maneira programada,

independentemente da ocorrência do comportamento-problema, reduzindo sua frequência. Além disso, são discutidas abordagens como o ensino de habilidades alternativas para substituir comportamentos desafiadores, a modificação do ambiente para minimizar gatilhos sensoriais e o uso de pistas visuais para melhorar a compreensão e previsibilidade das situações para a criança (Cruz & Moreira, 2021).

Outro ponto importante abordado por Cruz e Moreira (2021) é a necessidade de uma abordagem individualizada, na qual cada intervenção deve ser adaptada às necessidades específicas da criança. Os autores destacam que estratégias que funcionam para uma criança podem não ser eficazes para outra, o que reforça a importância da avaliação contínua do progresso e do ajuste das intervenções conforme necessário. Dessa forma, o planejamento das estratégias deve levar em conta o nível de desenvolvimento, as preferências e as dificuldades da criança, sempre priorizando a motivação e o engajamento ativo no processo de aprendizagem.

Além das técnicas de intervenção, Cruz e Moreira (2021) discutem a importância da colaboração entre profissionais, pais e professores na implementação das estratégias comportamentais. A parceria entre família e equipe terapêutica é essencial para garantir a consistência das intervenções em diferentes contextos, promovendo maior generalização dos aprendizados. Os autores também ressaltam que a psicoeducação dos cuidadores é um fator determinante para o sucesso das abordagens comportamentais, pois permite que os responsáveis compreendam melhor os desafios enfrentados pela criança e consigam implementar técnicas adequadas no dia a dia.

Na conclusão, Cruz e Moreira (2021) reforçam a importância da utilização de estratégias baseadas em evidências científicas para lidar com os desafios comportamentais no TEA. O uso da ABA e de outras abordagens estruturadas possibilita uma melhora significativa na qualidade de vida da criança e de sua família, reduzindo os impactos negativos dos comportamentos desafiadores e promovendo maior autonomia e bem-estar. Dessa forma, o livro se apresenta como um guia essencial para aqueles que buscam compreender melhor o comportamento infantil no autismo e aplicar intervenções eficazes para favorecer o desenvolvimento da criança em diferentes ambientes.

Justificativa e Objetivo

A hipersensibilidade sensorial é uma característica comum observada em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e pode impactar significativamente sua qualidade de vida. Crianças com hipersensibilidade sensorial podem apresentar respostas exageradas a estímulos do ambiente, como sons, luzes, texturas e cheiros, resultando em dificuldades na rotina diária, na interação social e no desempenho acadêmico. Apesar da relevância do tema, ainda há desafios no acesso a informações organizadas e fundamentadas sobre intervenções eficazes para minimizar esses impactos.

Diante dessa necessidade, este projeto justifica-se pela importância de compilar e analisar as principais estratégias baseadas em evidências para auxiliar crianças com TEA que apresentam hipersensibilidades sensoriais. O objetivo é elaborar um material de suporte para profissionais

da saúde, educadores e familiares, possibilitando uma melhor compreensão do tema e facilitando a aplicação de intervenções que favoreçam o bem-estar e a adaptação dessas crianças ao ambiente.

CAPÍTULO

3

Método